



Vida Paroquial

Biblioteca geral
da Universidade de Coimbra
Coimbra

Avença

ANO X N.º 120-121
AGOSTO-SETEMBRO DE 1963

Director e Editor
P.º Belarmino Rodrigues Soeiro

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

VATICANO E SANTA SÉ AS FESTAS... E A HONRA DE DEUS

Ensinam os Mestres de Direito que um Estado se define por três elementos específicos: o *território* onde se situa, a *população* que o habita ou lhe pertence e o *poder político* que o governa.

Em termos comezinhos de divulgação, poderíamos também dizer que um Estado é Nação quando dispõe ou usufrui de personalidade jurídica internacional, isto é, quando esse Estado tem capacidade para invocar direitos e aceitar deveres para com outras Nações (atente-se na origem etimológica de «internacional» — entre nações).

Mas convirá atender a que nem todos os Estados têm capacidade jurídica internacional. A Nação brasileira e a Nação americana, como exemplos, são conjuntos ou agregados de Estados, cada qual com aqueles elementos específicos que os definem, mas que não têm capacidade jurídica internacional. E poderíamos referir ainda, adentro da Nação portuguesa, o caso do Estado Português da Índia que nunca teve capacidade jurídica internacional.

Por outro lado, há sujeitos ou entidades com capacidade jurídica internacional, isto é, que podem celebrar actos de natureza internacional e que não são Estados nem são Nações.

As organizações internacionais, por exemplo, que hoje mais e mais se multiplicam, estão em tal caso.

Nem sempre se atenta nestes princípios ao falar-se do Estado da Cidade do Vaticano ou da Santa Sé.

Para já, convirá assentar-se em que são entidades inteiramente distintas e com características e funções muito diferentes.

Para nos apercebermos do significado exacto da expressão SANTA SÉ, convirá recordar que a Igreja Católica é o Corpo Místico de Cristo, a Sociedade Universal (tradução, para as línguas latinas, daqueles termos de origem helénica), de todos os cristãos.

Mas porque um sociedade perfeita tem dirigentes e dirigidos, é usual, no plano paroquial, diocesano ou universal, distinguir-se a Igreja Docente, ou dirigente (ensinante) da Igreja Discente, ou dirigida (aprendente) — perdoem-se-nos os neologismos.

A Igreja Católica não é um Estado nem uma Nação, mas a Santa Sé, entidade sua dirigente, não sendo também, nem uma coisa nem outra, tem personalidade jurídica internacional.

Segundo o Cónone 7.º do Código de Direito Canónico, a Santa Sé compreende o Pontífice Romano (o Papa), as Congregações, os Tribunais e os Offícios, pelos quais o Pontífice Romano se ocupa dos assuntos da Igreja Universal.

Nunca foi posta em dúvida tal qualidade e a Santa Sé, por isso mesmo, sempre exerceu, como tal, senão todos, alguns daqueles direitos que são próprios das pessoas de direito internacional.

(CONTINUA NA PÁGINA 3)

Estamos na quadra em que por toda a parte do país, e também nesta região, se realizam festas e «festejos», os mais variados e atraentes, ou com o fim de exaltar verdadeiramente Deus e honrar os seus santos, como aliás devia ser sempre, ou então, como muitas vezes sucede, com o intuito quase exclusivo de passatempo e de divertimentos tantas vezes prejudiciais à saúde.

Também nós não fugimos à regra.

Convém, pois, parar uns momentos a reflectir algo sobre o assunto. A palavra «festa» no seu significado genuíno, quer dizer dia santificado, por semelhança com o domingo «dies dominica», o dia do Senhor, santo portanto. A própria expressão latina «festam age-re», quer dizer santificar o dia com actos apropriados, como o louvor de Deus e o descanso de obras servis. É o dia do Senhor, dia de festa, dia de santificação. As festas, pois, são actos públicos da

virtude de religião, feitos com uma curta solenidade externa e tendentes a louvar a Deus ou, a obra prima das suas mãos, os santos. É, por conseguinte, um acto da virtude de religião que leva o homem a prestar a Deus o culto que lhe é devido por direito, como princípio de tudo. É assim mais alguma coisa que a simples honra, como a que por exemplo o soldado presta ao seu superior: requer a submissão do homem. Não falamos já nas festas pagãs, antes de Cristo (o que não havia de excessos atentatórios dos costumes e de superstição!...) mas nas que hoje se organizam, com comissões de mordomos e que se estão tornando, desde há algum tempo em autênticas profanações de festas, arremedos que de festas só têm o nome, não aproveitando para nada de digno ao homem. Urge, nos dias de hoje, restituir o verdadeiro sentido aos dias festivos, santificando-os e vivendo-os intensamente e não reduzi-las a simples festejos que somente são lícitos, compreendidos na sua justa medida, isto é quando não sobrepizam a parte religiosa. Quanto não há que fazer neste aspecto!...

Como já alguém disse, hoje perdeu-se o sentido sagrado do divino. Em épocas remotas, as festas constituíam para Deus verdadeira honra, vivida em ambiente de fé popular mas sincera. E hoje?!... Quanto «estrondo», quanto dinheiro, talvez, mal gasto. E a loucura de gastar, só pelo gosto de gastar e deitar figura! Como o mundo vai! Mas quando se trata de obras sociais, pias e de beneficência ou da Igreja, que vivem de migalhas... Pode isto agradar a Deus? Como é belo o exemplo dos católicos autênticos que renunciam a determinados prazeres, mesmo lícitos, só para a Deus não faltar o mais que for possível!... Honremos ao Senhor, como verdadeiros crentes e renovemos as nossas festas.

M. F. B. S.

Há uma mãe no Céu

*Amor, que fazes junto à tua mãezinha?
Assim que ela te abre os longos braços
E aprendes logo os primeiros passos,
Voas p'ra ela, qual terna pombinha.*

*É tua mãe, deves-lhe o teu ser.
Lembras-te ainda do primeiro beijo?
Ela te disse: filho meu, desejo
Que nunca esqueças de p'la vida ter*

*Um amor sem par
Pela Mãe do Céu
Que o Senhor nos deu
P'ra invocar.*

*Cá na terra amamos
Nossa mãe querida.
Mas nós adoramos
Quem nos deu a «Vida»;*

*A ela rezamos
E nos acolhemos,
Ao dizer: Mãezinha.
Ouví-nos, sim?
Protegei-nos,
Toda a vida!...*

M. F.

Movimento paroquial OBSERVANDO...



21 de Julho — Maria de Fátima, filha de Adelino Nunes Graça e de Herminia da Conceição Pereira, de Ervideira.

21 de Julho — Marcolino de Almeida Pais, filho de Almerindo da Conceição Pais e de Adelaide de

Passeio das Catequistas

Nos dias 1 e 2 de Setembro, o pároco, as catequistas, alguns escuteiros e outras pessoas vão dar um passeio estupendo.

As terras visitadas serão: Pontão, Condeixa, Coimbra, Mealhada, Curia, Águeda, Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azemeis, St.ª Maria Adelaide, S. João da Madeira, Vila Nova de Gaia, Porto, Matozinhos, Leixões, Espinho, Estarreja, Aveiro, Vagos, Mira, Tocha, Figueira da Foz, Pombal e Figueiró dos Vinhos.

Os excursionistas estão ansiosos pelo belo passeio que está planeado.

NOTICIÁRIO

Acompanhado de alguns oficiais do Exército, o nosso querido sr. Padre José da Costa Saraiva veio, no dia 20 de Julho, a esta vila, fazer uma visita aos seus amigos.

A este ilustre capitão capelão militar, aos seus companheiros de viagem e a outras pessoas amigas, foi oferecido pelo sr. Dr. João Dinis de Carvalho, na sua

Almeida Mendes, de Vale de Joanas.

28 de Julho — Renato Simões Almeida, filho de Eduardo Almeida e de Irene de Jesus Simões, de Agria Grande.



Contraíram matrimónio nesta Igreja:

7 de Julho — José Almeida Martins, de Casal dos Vicentes, com Lúcia da Silva e Almeida, de Aldeia Fundeira.

21 de Julho — José António Mendes Godinho com Maria Remédios da Conceição Alves, de Aldeia de Ana de Avis.

24 de Julho — Manuel Ferreira Santos, de Salgueiro, com Isilda Antunes de Jesus, de Ervideira.



6 de Julho — António Ribeiro, de 88 anos, de Cabeças.

23 de Julho — Domingos Joaquim, de 80 anos, de Castanheira.

apalaçada e hospitaleira casa, um saboroso jantar. No dia 21, domingo, celebrou a missa paroquial. Depois desta, o povo foi cumprimentar o seu antigo arcepreste.

Também estewe entre nós, o nosso querido amigo, sr. Padre João Ferreira, capelão chefe de Aviação, que celebrou no dia 28 de Julho, a missa paroquial.

É ridículo e supersticioso verem-se ao pescoço de crianças cornichos, figas, meias-luas e signo-saimões. Pessoas que se dizem católicas levarem os seus filhos, com estes amuletos, ao baptismo, atribuindo-lhes o poder de afastar malefícios e desgraças, em vez de se ver, sobre o peito, um crucifixo ou medalha.

É ridículo e supersticioso ir-se às feiteiras ou benzedeiros procurar a cura para os seus males ou saber as causas das suas desgraças, ou de parentes ou amigos. Talhar o ar, benzer a erisipela ou bicho, ou alguma ferida para sarar, não se casar em certos dias porque há má sorte para os noivos, sentarem-se à mesa 13 pessoas, porque uma delas morrerá no prazo de um ano.

É ridículo e supersticioso pôr na comida ou bebida quaisquer coisas, em dá-la a alguém para alcançar o seu amor, ou então fazer-lhe mal. A propósito. Conheço um homem que sofre muito do estômago. Levado pela esposa, foi ao adivinhão para saber a causa da sua doença. Este disse-lhe que a causa do seu sofrimento, foi uma bebida que a esposa lhe deu quando se namoravam. Ele que sempre a tratou bem, daí em diante começou a espancá-la.

É ridículo e supersticioso acreditar em pessoas, em que, se diz, falarem espíritos, consultá-las e fazer o que elas mandam — cumprimento de promessas, rezas de terços, celebração de missas, voltas de joelhos, e outras coisas, para que a alma deixe de sofrer alguém e entre na glória. A propósito. Um seminarista para ser agradável à sua tia a quem tinha morrido o marido, e que dizia ouvir barulho em casa, acompanhou-a à casa de uma mulher em que, se dizia, falar um anjo, para saber o motivo de tal barulho.

Chegados à casa da benzedeira, foi o seminarista o primeiro que a interrogou para a experimentar. Perguntou-lhe pela alma do seu pai, onde estava, e ela respondeu-lhe a tudo. Caso ex-

traordinário! O pai viveu ainda muitos anos. Contudo ela, com cara feia, disse-lhe que a alma do seu pai sofria no Purgatório! O seminarista ouvindo tantas asneiras, virou-lhe as costas.

É ridículo e supersticioso acreditar nessas mulheres enganadeiras que chegam a dizer às vezes: é um vizinho ou uma vizinha, esta ou aquela pessoa que lhe quer mal, e com maus olhos a viu, e por isso lhe causa a desgraça da sua casa, a sua doença ou dos animais. Foi ela quem a enfeitou. Tantos falsos testemunhos, juízos temerários, ódios, rixas, mal-estar nos lares, provocados por essas pessoas, instrumentos do demónio.

É ridículo e supersticioso consultar as pessoas que botam sortes, ou com cartas de jogar ou por outros modos, para adivinhar alguma coisa como: se alguém lhe tem ou não amor, se vive ainda ou não, se tem boa ou má sorte, etc., etc.

É ridículo e supersticioso servirem-se de fios de estola, bocados de pedra de ara, incenso, terra de cemitério, chaves do sacrário, etc., etc. para certos fins.

Tanta mentira e superstição, tantas tolices e pecados! Em vez de se recorrer aos médicos, aos Santos e a Deus vai-se à feiteira ou ao benzelhão. Não admira. Estes são sabichões.

AMIGOS DE «VIDA PAROQUIAL»

Pagaram as suas assinaturas os Ex.ªs Srs.:

Augusto da Encarnação da Silva Salgueiro, de Lomba Avelar, 5\$00; Manuel de Assunção Godinho, de Chavelho, 8\$00; Manuel de Jesus Silveiro, de Chãos de Cima, 10\$00; José Dias Fonseca, de Carapinhal, 10\$00; Francisco Rodrigues Ferreira, da Vila, 50\$00; Francisco Simões Agria, de Namacha—Lourenço Marques — 50\$00.

VOLTA AO MUNDO

(Continuado da 4.ª pág.)

A República da R. A. U. e a Etiópia cortaram relações diplomáticas com Portugal em cumprimento das resoluções de Adis-Abeba. Mal empregado tempo que se perde em obsequiar e ligar a gente desta! Também a República do Congo (Leopoldville) reconheceu o governo rebelde angolano (pseudo-Angola- Holden Roberto.)

A O. N. U. acusa ter feito uma despesa de sete milhões e quinhentos e quarenta mil (7.540.000) contos com as operações no Congo e Médio Oriente.

Mal empregado dinheiro, desperdiçado, cujas responsabilidades se devem ao L. M. Thant.

Em Goa foi decretada a lei da pena de morte que Portugal tinha abolido há 100 anos. Pobres goeses, sem os seus amigos e irmãos da metrópole! É o progresso da União Indiana que caminha a passos largos!

A ponte da Arrábida, no Porto, inaugurada em 22 de Junho pelo sr. Presidente da República, custou cerca de 250 mil contos (250.000) mas a do Tejo custará segundo consta, milhões.

No passado dia 4 do mês corrente, celebrou-se em Castanheira de Pera a festa do padroeiro S. Domingos e da Profissão de Fé e Comunhão Solene das crianças em que pregou o Rev.º Padre João Cardoso Saúde, assistente diocesano dos organismos diocesanos da Diocese, e que decorreu com muito brilho e fervor cristão.

Em Moscovo, foi há poucos dias, assinado o acordo tripartido (Rússia, Estados Unidos e Inglaterra) para a suspensão das experiências nucleares. Será o principio do entendimento para o desarmamento geral? Oxalá!

Em Ceira, na linha férrea da Lousã a automotora colheu e matou um homem de 106 anos de idade que era surdo, e chamava-se José Maria Marques.

No próximo dia 29 de Setembro, dia litúrgico de S. Miguel Arcanjo, reabrirá o Concílio Ecuménico Vaticano II Com a sua 2.ª sessão de trabalhos, e que terminará, conforme informações recebidas, no dia 4 de Dezembro.

O saudoso e sempre chorado Papa João XXIII deu mais uma prova da sua grande estima pelo nosso país, dirá como legado, ao Santuário de Fátima, uma cruz peitoral preciosa em ouro, e que havia adquirido quando Núncio na Turquia, tal como havia feito com um cálice que lhe foi oferecido quando da sua visita a Fátima que foi para o santuário de Cristo Rei me Alameda.

O sr. Presidente do Conselho, Dr. António d'Oliveira Salazar, proferiu no p. p. dia 12 aos microfones da Emissora Nacional e R. T. P. um discurso sobre «Declaração sobre o estado das províncias ultramarinas portuguesas», tendo, grande repercussão m teodo o mundo.

A 26.ª volta a Portugal em bicicleta, decorreu com entusiasmo, encontrando-se à frente da classificação geral o sportingista João Roque. A volta terminou no dia 15, em Alvalade, para consagração do Vencedor.

Reuniu-se na cidade de Maratona (Grécia o último «Jamborice» Mundial de Escutismo, com a presença de cerca de 20.000 escuteiros de várias nações, entre as quais Portugal. O próximo realizar-se-á nos Estados Unidos.

O Zeferino e o Lucas

(CONTINUADO DA PÁG. 4)

a sua casa num verdadeiro inferno, resolveu aviar os papéis e ir para o Brasil.

É claro que, quando o amor não acompanha um homem nestas condições, torna-se verdadeiro o ditado: «longe da vista, longe do coração», e assim aconteceu. O rapaz lá foi pró Brasil e por lá anda há vinte anos sem mais cá voltar. A pobre rapariga não teve outro remédio senão encostar-se outra vez aos pais e tem passado uma vida amargurada, maldizendo a sua sorte e atirando aos pais com a sua desgraça dizendo que eles é que tiveram a culpa. E, realmente é verdade. Isto serve para lhe mostrar que a felicidade de uma família assenta sobre uma boa educação de ambos os esposos.

— Tem razão, compadre Zeferino!

Vaticano e Santa Sé

(Continuado da 1.ª página)

Nunca exerceu, é certo, o direito de guerra (jus belli), mais próprio dos Estados, mas sempre tem exercido o direito de celebrar tratados (jus tractuum), o direito de estabelecer relações diplomáticas (jus legationis), bem como outros, como o do reconhecimento de novos Estados ou Governos.

Aos tratados que celebra com outras pessoas de direito internacional, costuma dar-se o nome de Concordatas quando respeitam à regulamentação e situação do culto católico em determinado Estado.

Os seus agentes diplomáticos — para além dos que acredita junto de si, até de países não católicos — tomam o nome de Núncios, se são permanentes e o de Legados, se são extraordinários.

Estão assim definidas as características especiais da Santa Sé como pessoa de direito internacional.

Interessa agora conhecer a natureza do Estado da Cidade do Vaticano e a sua distinção da da Santa Sé.

Se recordarmos a História, lembraremos que, estabelecida em Roma a capital da Igreja Universal, com o primado de Pedro, os seus sucessores, com o andar dos tempos e mercê de circunstâncias especiais, tornaram-se também chefes temporais, com jurisdição sobre determinados territórios. Eram, então, os Estados Pontifícios, ocupando vastos territórios da actual nação italiana, uma verdadeira Nação e, como tal,

com personalidade jurídica internacional.

Depois das questões com o imperador Napoleão Bonaparte, vem o Estado Italiano, por lei de 31 de Dezembro de 1870, a anexar o que restava dos Estados Pontifícios, extinguindo, assim, a soberania temporal do Papa. Não obstante, comunica às potências estrangeiras que se compromete a reconhecer o carácter internacional da Santa Sé, a garantir a liberdade das suas relações diplomáticas e a não pôr entraves à sua acção espiritual.

Após um período de difíceis relações entre a Santa Sé e a Itália que ficou conhecido pela Questão Romana, vem a celebrar-se, como actos internacionais, entre a Itália e a Santa Sé, em 11 de Fevereiro de 1929, os Acordos de Latrão.

Destes acordos resulta o reconhecimento, por parte da Itália, da soberania e jurisdição exclusiva da Santa Sé, sobre o território da Cidade do Vaticano, uma zona que toma o seu nome dum dos palácios e que fica encravada dentro da própria cidade de Roma, a capital da Itália.

Deu-se, assim, uma base visível à independência da Santa Sé, mas nada se lhe acrescentou à sua personalidade jurídica internacional.

Uma minoria dos tratadistas reconhece, no Estado da Cidade do Vaticano, um verdadeiro Estado.

Mais acertado será, porém, considerar o carácter especial do Estado da Cidade do Vaticano, comparável, de algum modo, pela imunidade especial de que goza, aos locais das Embaixadas ou Missões diplomáticas.

A verdade é que o Estado da Cidade do Vaticano não é sujeito de Direito Internacional, como a Santa Sé não é um Estado.

Mas não sendo um Estado e gozando de personalidade jurídica internacional, a Santa Sé não possui a plenitude dessa capacidade jurídica, de que só poderia usufruir se fosse um Estado.

A sua natureza especial, que só lhe dá os direitos necessários à sua missão espiritual, impõe-lhe a não-intervenção nos conflitos temporais entre Estados, aspecto que, aliás, ficou claramente definido no art.º 24.º do Tratado de Latrão em que a Santa Sé «declara que quer permanecer e permanecerá estranha aos conflitos temporais quanto aos outros Estados, e às reuniões convocadas para este fim, a menos que, as partes em litígio façam apelo unânime à sua missão de paz, reservando-se, em todo o caso, a faculdade de fazer valer o seu poder moral e espiritual».

rimo! Mas nesse ponto posso dar graças a Deus. A minha Maria é uma boa dona de casa. Ela sabe bem de cozinha, aprendeu a costurar e tem-nos poupado muito dinheiro, porque não precisamos de dar um centavo a costureiras de fora e ainda lhe digo mais, ela sabe tratar de crianças melhor do que muitas mães. Tivemos esse cuidado, porque temos visto muitas misérias e olhe que o mal dos outros muitas vezes é remédio para nós!

— Muito bem!... então, desde já lhe digo que Deus há-de fazê-los felizes. Deus os veja casadinhos e felizes!

— Deus queira que sim e que seja à sua vista!

— Muito obrigado!

— Então, até à próxima, compadre Zeferino!

— Adeus, compadre Lucas, e Deus o ajude!

CONVERSA NA ALDEIA



O ZEFERINO E O LUCAS

Boa tarde e bom proveito, compadre Zeferino!... pelo que vejo, hoje venho a boa hora!

— É verdade! hoje calha a apanhar-me com a boca na botija, como se costuma dizer!... O jantarito veio um pouco mais tarde e como faz um calor de rachar, também sabe bem a pinguita?!

— Então que novidades há lá pelo povoado?... como vai por lá o namoro da sua pequena?!

— As novidades são sempre as mesmas. Quanto ao namoro, sempre fiz por seguir o conselho do compadre. Não vale a pena a gente prender-se por uns palmos, de terra. Se ele for bom marido, como se espera, é o quanto basta para a minha filha não se dar por arrependida.

— Ele não é de má linhagem. Agora, também lhe quero dizer que, para um lar ser feliz, não basta que o chefe seja bom marido. Um lar é uma obra que não pode ser feita só por um! tem de ser fruto do trabalho de todos, homem, mulher e filhos, se os houver.

— Lá isso é verdade, mas, pela minha filha respondo eu!... aquilo é trigo sem joio!

— Também penso isso, embora não conheça bem a rapariga, co-nheço os pais, e tenho-os como pessoas capazes de cumprir bem a sua missão.

— Graças a Deus!... Nosso Senhor só nos deu aquelas duas filhas, mas temos feito tudo para as preparar para a vida. É que vai para aí muita desgraça por causa da má preparação.

— Realmente é verdade. Não sei o que certas meninas de agora pensam da vida de família. Andam por aí a armar a ratoeira para caçar um marido, e julgam que é só com boa roupa e duas lérias que hão-de preparar o fu-

turo. Mas eles já não vão em cantigas, e é o que lhes vale. Olhe que há prái meninas que não sabem nada de costura, nada de cozinha e nada de governo de casa. São umas bonecas enquanto solteiras e um pesadelo depois de casadas. Veja o que aconteceu à filha do Zé Tendeiro, do Casal da Torre; criou a filha com todos os mimos; por onde quer que passava levava a filha para a mostrar a toda a gente; aquilo era um verdadeiro pastelzinho albardado em bons vestidos de seda, que até parecia uma rainha. É claro que a malta começou por lá a rondar a casa e não tardou que ela desse ocasião a zaragatas entre os vários pretendentes. Por fim lá se casou com o filho da Clara dos Moínhos. A princípio tudo era maravilhoso, mas, quando se viu com a responsabilidade de governar uma casa, tudo se transformou. A beleza e a fortuna não fez a felicidade daquele lar. Logo tiveram de falar a uma criada, porque aquela menina não sabia nada da vida doméstica. Estava acostumada a levarem-lhe o café à cama, e a encontrar a mesa posta às horas da refeição, e não sabia cozinhar umas batatas nem pregar uns botões. Olhe que nem sequer sabia cozer a boroa. O marido começou a ver que em vez de uma boa dona de casa, tinha ido buscar uma toleirona, amiga de estar à janela a falar na vida alheia, e uma néscia que não sabia o que a vida custa e gastava sem olhar para o futuro. O marido chama-lhe a atenção para os deveres da casa, mas ela resmungava sempre as suas desculpas. Isto vai perturbando a vida daquele novo lar de tal maneira que o homem, desgostoso, para não armar banzé e tornar

(Continua na 3.ª pág.)

VOLTA AO MUNDO

Na Assembleia das Nações Unidas (ONU), Portugal comprou mais uma vez para defender a sua posição sobre as províncias africanas, tendo sido vítima de novas calúnias e mentiras pelos países afro-asiáticos em que o nosso ministro Dr. Franco Nogueira soube, como sempre, dignificar a Pátria, mostrando inofensivamente o legítimo direito ultramarino.

Portugal dar lições a estes selvagens?

Na Universidade de Lovaina (Bélgica) formou-se em Direito Canónico uma senhora holandesa, de 28 anos de idade, que já era formada em Direito Civil.

É o primeiro caso na história daquela Universidade.

(Continua na pág. 3)

No passado dia 30 de Julho, deu-se, na cidade Jugoslava de Ikolpje um grande tremor de terra que matou mais de mil pessoas e arrasou a cidade, cujo terreno, por este facto, abriu enormes brechas: Várias nações foram em socorro da cidade mártir, em sentimento de solidariedade, excepto ao que consta, os países além cortina de ferro.

Os dois deuses do Comunismo, Krutchev e Mao Tse-tung, estão de «gancho» por causa do Sensível desvio da linha tradicional que a Rússia está a realizar, como táctica de coexistência pacífica. Será a desagregação do sistema principal?

A Grã-Bretanha decidiu conceder a independência à ilha de Malta, colónia inglesa e ponto estratégico durante a última grande guerra, até 1964.

Mais de 500 pessoas aclamaram o Papa Paulo VI à sua chegada a Castelgandolfo, onde está passando as férias de Verão.

As celebrações da F. I. S. E. C., ultimamente concluídas em Lisboa, decorreram com brilho e correcção quer no que se refere à parte cultural quer desportiva. Estiveam representadas a Espanha, França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra.

Um grupo de terroristas foi destruído na Guiné Portuguesa pelas milícias dos Febipes e Baiotes, tendo sido apreendidas várias armas de fabrico checoslovaco. Até quando será preciso



ADIVINHAS

- 1 — Que é que Deus nunca viu, o rei poucas vezes, e nós vemos sempre?
- 2 — Dentro duma lapinha, Está uma «cachopinha»; Chova, não chova, Está sempre molhadinha.

Soluções do número anterior:
1 — Resplendor; 2 — Telhas.

ANEDOTAS

No exame de geografia.
O professor: Onde fica a Suíça?
O aluno: Ao lado do bigode...

Amizade sincera

— Sabes que morreu o Barnabé?
— Não pode ser!
— Porquê?
— Ele não fazia nada sem me avisar.

Dizia o Abade a um borrachão:
— O seu maior inimigo é o vinho.

— Desculpe, Senhor Abade, não nos está sempre a dizer que devemos amar os nossos inimigos?!
— Amá-los, sim, mas não bebê-los!

Uma senhora já idosa apresenta-se à porta do quartel e pergunta ao sentinela:

— Posso visitar o 127, que é meu neto?

— Sinto muito, minha senhora, mas o 127 foi hoje ao seu funeral!...